

PLUMÁRIA, PELES, LASCAS E CERUME DE ABELHA: DIÁLOGOS ENTRE ARQUEOLOGIA GUARANI E POVOS XETÁ

Claudia Inês Parellada¹

Recebido em 07.06.2017; Aceito 09.10.2017.

Resumo

O povo indígena Xetá, da família linguística Tupi-Guarani e grupo dialetal Guarani, foi descrito, em diferentes relatos e publicações, desde o século XVII, entre os rios Paraná, Ivaí e Piquiri, área atual do estado do Paraná, sul do Brasil. Na década de 1950 aconteceu um contato brutal com frentes de expansão agrícola que abriam novas fronteiras no extremo oeste paranaense, sendo documentados, nesta época, grupos pela imprensa e por pesquisadores. Houve tentativas de proteger esta população, reduzida de forma dramática, porém já fragmentada e em fuga acabou sendo relacionada, de forma equivocada, com “remanescentes da idade da pedra”, em clara objetificação do evolucionismo em conceitos coloniais. Muitos dos registros imagéticos, sonoros, impressos e materiais do povo Xetá, sob guarda do Museu Paranaense e da Universidade Federal do Paraná, vem revelando parte do cotidiano, dos mitos e ritos desta sociedade ao longo do tempo. Assim, a memória Xetá, a cultura material, o acervo imagético, as parcerias interinstitucionais, vem possibilitando, através de filtros teóricos, novas discussões arqueológicas e antropológicas, além de ações de educação patrimonial, que incluem oficinas. Elementos da cultura material e dos mitos Xetá mostram um entrelaçamento com a arqueologia Guarani, e colaboram em reflexões sobre organização social, arte e tecnologia. A língua e a estética, fundamentais na afirmação da identidade Xetá, evidenciam saberes tradicionais, como tecelagem em tear, plumária, tecnologia lítica e óssea, pintura corporal e escultura de miniaturas em cerume de abelha, entre outros. Os antigos mitos Xetá, recuperados entre 1955 e 2003, apontam para uma sociedade com maior complexidade: grandes aldeias, práticas agrícolas e confecção de cerâmica, que parecem ter sofrido grandes mudanças em tempos antigos, provavelmente há mais de 500 anos atrás. Atualmente, novos estudos e ações de educação patrimonial estão sendo implementados, buscando maior interação entre os povos indígenas e as comunidades locais e regionais, além de discussão de uma memória coletiva, que afaste e/ou diminua os conflitos e a intolerância.

Palavras chave: Xetá, Arqueologia Guarani, Etnoarqueologia

Abstract:

The Xetá indigenous group, part of the Tupí-Guaraní linguistic family and Guarani dialectal group, have been described in various reports and publications since the 17th century as inhabiting the region between the Paraná, Ivaí and Piquiri rivers, in the current State of Paraná, southern Brazil. In the 1950s, agricultural expansion in the extreme west of Paraná brought about a brutal conflict between the Xetá and farmers, that was documented by the press and several researchers. Attempts have been made to protect this dramatically reduced and fragmented population which has been wrongly relegated as

1 Dra., Museu Paranaense, SEEC-PR, Rua Kellers, 289, Curitiba - Paraná, CEP 80410-100, cparellada34@gmail.com

"remnants of the stone age", a clear perception of evolution in colonial terms. Many of the images, documents, and material culture related to this group are housed at the Paranaense Museum and the Federal University of Paraná, and reveal part of the daily life, myths and rituals of this society over time. Thus, Xetá memory, their material culture in museums, the collection of images produced by Vladimir Kozák, and interinstitutional partnerships, have enabled new archaeological and anthropological theoretical discussions, as well as the implementation of heritage education activities, such as workshops. Elements of Xetá material culture show an entanglement with Guarani archeology, enabling a better understanding of social organization and technology in the past. Language and aesthetics are essential to the definition of Xetá identity, and can be seen through Xetá traditional knowledge such as weaving on a loom, feathering, lythic and bone technology, body painting and miniature sculpture in beeswax, among others. The ancient myths of Xetá, recorded between 1955 and 2003, point to a complex society with large villages, the practice of agriculture and pottery making, a significant change in social practice that occurred about 500 years ago. Currently, new studies and activities of heritage education are being implemented, with the goal of greater interaction between indigenous people and local and regional communities, as well as a discussion of a collective memory that eliminate or reduce ethnic conflicts and intolerance.

Keywords: Xetá, Guarani Archaeology, Ethnoarchaeology

Introdução

As manifestações artísticas Xetá, exemplificadas por adornos em plumária, pintura corporal, miniaturas em cerume da abelha jataí, e os mitos contrastantes com a dinâmica social documentada entre os séculos XIX e XX, encantam e revelam importantes aspectos do universo social deste povo com língua do grupo dialetal Guarani, família linguística Tupi-Guarani, do oeste do Paraná, sul do Brasil.

No começo do século XX, o naturalista tcheco Alberto Fric realizou várias expedições buscando povos nativos em áreas de difícil acesso na América do Sul, intrigou-se com histórias sobre pigmeus que habitavam florestas do leste do Paraguai e do oeste do Paraná, conhecidos pela invisibilidade na mata e por dormir como morcegos, de cabeça para baixo. Ao encontrar os grupos indígenas percebeu os fatos inverossímeis, no Paraguai eram Guayaki, os atualmente autodenominados Aché, e no Brasil, em 1907, conheceu 3 cativos entre Kaingang: os Kuruton, que se autodenominavam Xetá. Em entrevista de Fric publicada pelo jornal New York Times, em 5 de fevereiro de 1911, aparecem fotos e desenhos de Xetá.

Fric (1943), que os contactou nas margens do rio Ivaí em 1907, usou pela primeira vez a denominação Xetá, palavra que na língua nativa significa muitos. Fric (1909) já denunciava a violência de colonizadores contra indígenas no Paraná e Santa Catarina, sendo duramente criticado em congressos que discutiam antropologia na época, pois inseria política nas discussões científicas, defendendo os povos nativos sul-americanos fragilizados pela ocupação dos territórios indígenas por imigrantes europeus (Penny, 2003).

Entre 1945 e 1960, no oeste do Paraná, o grupo Xetá sofreu impactos violentos e uma redução populacional abrupta, devido ao contato brutal com frentes colonizadoras de expansão cafeeira e exploração madeireira. Era uma população estimada entre 400 e 800 indivíduos reduzidos a menos de 30 em dez anos (Silva, 2003: 20). Esses fatos geraram dificuldades e equívocos na compreensão da cultura Xetá, caracterizando-a como um modelo de sociedade caçadora-coletora usado em estudos de tecnologia lítica do Paleolítico europeu, sendo considerados "sobreviventes da idade da pedra", grupos congelados no tempo, como sugerem vários artigos de revistas e jornais da época. Dessa forma, a assinatura colonial estava colocada e o evolucionismo objetificado.

Alguns indivíduos foram capturados e levados para outras regiões, entre sedes de fazendas e áreas urbanas de várias partes do Brasil, nos estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, inseridos tanto em instituições de saúde, em áreas indígenas ou, no caso de crianças, incorporados em novas famílias. Apresentados como representantes selvagens de uma época primitiva, esquecidos no tempo e no espaço, acabaram muitas vezes expostos como parte de “zoológicos humanos”, exposições que aconteciam no século XIX (Magnoli, 2009) mas que no XX se mostravam, de forma mascarada, ainda presentes. Benetti (2015:101) destacou a mágoa do pesquisador Vladimir Kozák em relação a Homero Batista de Barros, Diretor da Universidade do Paraná. Kozák buscava apoio para registrar o povo Xetá, em 1960, solicitando recursos para produzir documentário, e o Diretor lhe respondeu que "seria muito mais simples e barato trazer os índios para o Passeio Público, colocá-los em uma jaula e filmar".

Na atualidade, a maior parte do povo Xetá, que compreende cerca de 160 pessoas, encontra-se na Terra Indígena São Jerônimo, no município de São Jerônimo da Serra, Paraná, vale do rio Tibagi, distante 300 km a leste da Serra dos Dourados, área tradicional Xetá, e luta pela demarcação da Terra Indígena *Herarekã* Xetá (Lima & Pacheco, 2017). Também existem Xetá em áreas urbanas, como Curitiba, e em outras Terras Indígenas, como Rio das Cobras.

A memória dos Xetá que sobreviveram e seus descendentes, a cultura material em museus, o fantástico acervo imagético de Vladimir Kozák, vários estudos realizados, em especial os dos linguistas Aryon D. Rodrigues (1979, 1984-85, 2013) e Ana Suely Câmara Cabral (Cabral *et al.*, 2005), os dos pesquisadores Desidério Aytai (1981), Fernanda Maranhão (1989, 2006), Cecília Helm (1994), Carmem Silva (1998, 2003), Lúcio Mota (1998, 2013), Parellada *et al.* (2006), Rosato (2009a,b), Reis (2014), além de parcerias institucionais, possibilitam, através de filtros teóricos, construir um entrelaçamento de dados etnográficos, arqueológicos e linguísticos Xetá.

Entre 2010 e 2013, aconteceu o projeto “*Jané Rekó Poranuhá: o contar de nossa existência*”, entre a comunidade Xetá e centros de pesquisa, como Universidade Estadual de Maringá, Museu Paranaense, Universidade de Brasília, e Universidade Federal do Paraná, entre outras, objetivando uma maior aproximação e diálogo, além da revitalização da língua e da ampliação de pesquisas (Araújo, 2012; Alencar, 2013, Faustino *et al.*, 2013; Silva, 2013).

Histórias e memórias em discussão

Missionários jesuítas financiados pela Coroa espanhola, como o padre Diego de Salazar, no início do século XVII, descreveram povos entre os rios Ivaí e Paraná que usavam pedras suspensas nos lábios, viviam em casas rústicas, alimentando-se de caça e raízes, usando lanças com pontas em pedra ou osso. Eram setenta e três que foram conduzidos a um povoado, onde em menos de um ano só restaram quatro, morrendo rapidamente (Techo, 2005: 313-314). Talvez fossem Xetá, devido às descrições físicas assemelhadas, e a morte rápida por doenças como gripe e tuberculose.

Indígenas contactados no rio Ivaí por Elliot (1847: 262), descritos como Botocudos, usavam tembetás em resina de jatobá (*Hymenaea courbaril*), sendo considerados “descendentes das extintas reduções de jesuítas hespanhóis”, devido homens e mulheres estarem com tangas tecidas, além de um índio mais velho solicitar em castelhano um “*cingarro amigo*”.

Kozák *et al.* (1981:33) também relacionam as tangas Xetá em pano grosso às missões jesuíticas. Elliot (1847) comenta sobre indícios de contatos anteriores destes indígenas com europeus devido a objetos em metais presentes em aldeia visitada: eram 22 pessoas aguardando o cozimento de palmito e carne de queixada em grande panela no centro da aldeia, um machado com lâmina em metal, resto de espada, dois pregos

tortos servindo de arma, outros machados em pedra, flechas em madeira e arcos alisadas com lasca de pederneira, além dos homens possuírem o lábio inferior furado e com botoque em resina vegetal.

Nos séculos XIX e XXI, foram descritos indígenas com características Xetá nas proximidades de rios como o Tibagi, por viajantes como Saint-Hilaire (1820), e no rio Ivaí, por informes do Barão de Antonina e Elliot em 1843 e 1845 (Elliot, 1847; Mota, 2013), Keller em 1865 no Aldeamento do Paranapanema (Keller & Keller, 1866; Lovato, 1974: 11-12), em 1872 por Bigg-Wither (1872), em 1896 por Muricy (1975), em 1899 por Telêmaco Borba (1904, 1908), em 1907 por Alberto Vojtec Fric (1909, 1943), e em 1912 por Curt Nimuendaju (1981, 1987). Apresentam-se nativos com tembetás, em nó de pinho ou resina de jatobá, adornos com dentes de animais e tangas tecidas, e com baixa estatura, menor que 1,60m.

Nimuendaju (1981, 1987) observou que os Guarani em 1912 os denominavam Yvaparé, habitantes dos vales dos rios Ivaí e Piquiri, e narravam um mito: o povo Yvaparé foi um grupo Guarani proveniente de Cerro Ypehú, no Paraguai, que transpôs o rio Paraná através do poder mágico do pajé buscando chegar ao *Yvú marãey*. No caminho atravessou o território Kaingang, e acabou brigando com o pajé, decidindo retornar, porém não mais conseguiu atravessar o rio Paraná. Esse grupo fugiu novamente para leste e encontrou aldeias Kaingang, onde os homens foram mortos e as mulheres e crianças escravizadas. Assim, os descendentes perambulavam ainda em 1912, perseguidos pelos Kaingang, sem casa e sem roça, como "caçadores arredios e assustadiços" no vale do baixo rio Ivaí (Nimuendaju, 1987: 102-103).

Em 1872, um acampamento Xetá foi descrito pelo explorador inglês Thomas Bigg-Wither nas proximidades do Salto Ariranha, imediações do rio Bonito, afluente do Ivaí: um rancho em forma de cúpula no centro de pequena clareira, com sete pés de altura, ou 2,1m e o diâmetro, nove pés - 2,7m, e numa extremidade da clareira os descartes de ossos, cabaças e folhas de fumo - usadas para fricção na pele, como repelentes de mosquitos (Bigg-Wither, 1974: 288). Mota (2013) inventariou vários contatos com Xetá no rio Ivaí entre 1840 e 1920.

Borba (1904, 1908) narra a existência dos indígenas Aré ou Botocudos do Ivaí, cativos entre os Kaingang do vale do Ivaí, inclusive, em mitos Kaingang e Guarani, os Xetá aparecem nessa condição. Amoroso (2014: 188) descreve conflitos entre Kaingang e Kuruton em 1861 e 1863, quando o Kuruton Manoel Cufá quase morre a socos, acusado de feitiçaria, no aldeamento de São Pedro de Alcântara, no vale do Tibagi, agora município de Ibiporã, norte do Paraná.

Em 1945, no noroeste paranaense, foram localizados abrigos Xetá, *tapuy*, por empresas de colonização que demarcavam as fazendas e derrubavam a mata. Na época o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), atual Fundação Nacional do Índio, foi comunicado, mas só em 1949, em outra expedição, acampamentos foram identificados, e no mês seguinte já tinham sumido. Os indígenas estavam sendo dizimados por armas de fogo e doenças, além de terem as crianças capturadas e distribuídas a famílias de colonos, especialmente em fazendas em municípios próximos da região, conforme detalhes em Lima & Pacheco (2017).

A partir de 1955 houve estudos coordenados por José Loureiro Fernandes (1959, 1960, 1961), pesquisador e político, que reuniu cientistas e jornalistas visando documentar os Xetá da Serra dos Dourados, no baixo vale do Ivaí, e alertar do extermínio que acontecia na região. Foram diversas viagens a campo, entre 1955 e 1966, sendo que na maioria delas Vladimir Kozák fez intensa documentação, ver tabela 1, em fotografias P&B, diapositivos (slides) coloridos em pequeno e médio formato, e filmes coloridos e P&B, do cotidiano do povo Xetá. Registrou narrativas, músicas e desenhos, elaborando também desenhos, aquarelas, pinturas a óleo e esculturas, boa parte sob guarda do

Museu Paranaense, e do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (Trevisan, 1979, Kozák *et al.*, 1981). O primeiro dia que Kozák visualizou indígenas Xetá foi em 3 de novembro de 1955, ver figura 1.

Tabela 1 – Povos indígenas no Brasil com documentação imagética realizada por Vladimir Kozák entre 1948 e 1969, acervo do Museu Paranaense.

Nº	Período	Povo Indígena	Família linguística	Localização geográfica nas expedições, e eventual nome atual
1	1948	Guarani Kaiowá	Tupi-Guarani	Rio Paraná, oeste do Paraná
2	1952	Kuikuro	Karib	Alto rio Xingu, Mato Grosso
3	1952	Kaingang	Jê	Palmas, sul do Paraná, Posto Indígena Fioravante Esperança, atual TI Palmas
4	1953	Kamaiurá	Tupi-Guarani	Alto rio Xingu, Posto Indígena Capitão Vasconcelos, atual PI Leonardo Villas Boas, Parque Indígena do Xingu
5	1953	Waujá	Aruak	Rio Xingu, Mato Grosso
6	1954 e 56	Karajá	Karajá	Ilha do Bananal, rio Araguaia, Posto Indígena Getúlio Vargas, atual TI Parque do Araguaia
7	1954 e 55	Kayapó Kuben-Kran-Kren	Jê	Sudeste do Pará, Posto Indígena Nilo Peçanha, atual TI Kayapó
8	1955	A'uwe Xavante	Jê	Nordeste do rio das Mortes, Mato Grosso
9	1955 a 1966	Xetá	Tupi-Guarani	Serra dos Dourados, Paraná
10	1956 e 57	Bororo Oriental	Bororo	Rio São Lourenço, região sudeste do Mato Grosso
11	1958 e 59	Ka'apor	Tupi-Guarani	Fronteira entre Maranhão e Pará, atual TI Alto Turiaçu
12	1961 e 62	Gavião Parkatêjê	Jê	Rio Tocantins, sudeste do Pará
13	1965 e 67	Xetá	Tupi-Guarani	Marrecas, Turvo, Paraná
14	1967	Laklãñõ Xokleng	Jê	Ibirama, Santa Catarina
15	1969	Xetá	Tupi-Guarani	Rio das Cinzas, Paraná

Fernandes (1962: 152) destacou que o departamento de Antropologia da Universidade do Paraná possuía, em 1960, 105 peças da cultura material Xetá da Serra dos Dourados, além de uma coleção de gravações magnetofônicas com mais de 40 mitos, lendas e narrações e 100 variedades de cantos, e 5.500 pés de filmes coloridos documentando variedades de atividades e técnicas, tais como lascamento e polimento de artefatos líticos e a elaboração de um cinzel em osso através da percussão de artefatos em pedra.

Ney Barreto, em 1956, elaborou um mapa localizando 21 áreas de acampamentos Xetá na Serra dos Dourados, no curso superior dos rios 215 e Indoivaí, nos atuais municípios de Umuarama, Ivaté e Icaraíma, Paraná, sul do Brasil. Maranhão (1989), em janeiro de 1989, coordenou prospecções em três locais mapeados por Barreto: na Fazenda São Francisco –sítio Recolhimento do Guaianá e Aldeia 15, e nas margens do Ribeirão 215 -Aldeia dos Pais do Tucanambá ou Aldeia 8, e mais duas áreas apontadas em 1989 por moradores de Ivaté que lembravam de aldeias antigas: Córrego Água Rica ou sítio A, e Córrego Recreio ou sítio B., Foram recuperados nestes sítios apenas lascas em calcário silicificado, arenito silicificado e silexito, coquinhos carbonizados e vestígios de fogueiras, e Parellada (1989, in Maranhão, 1989) realizou a descrição de perfis estratigráficos nos sítios arqueológicos e elaborando planta, com coordenadas em UTM, dos locais visitados

Fric (1909, 1943), Kozák *et al.* (1981) e Maranhão (1989) fizeram correlações entre a língua e a cultura material Xetá e Guayaki, que parecem ter convergências. Loukotka (1929) relacionou a língua Xetá ao tronco Tupi e depois mudou de opinião. Entretanto,

Rodrigues (2011) evidenciou a proximidade de aspectos do léxico e da fonologia Xetá e Mbya Guarani.

Silva (1998, 2003) pesquisou a memória e aspectos antropológicos Xetá, especialmente com os sobreviventes, republicando mapas e localizando áreas no centro e norte do Paraná. Guérios (1959) apontou a língua Xetá como pertencente à família Tupi-Guarani, e Rodrigues (1978, 2011) e Mello (2000) filiam ao grupo dialetal Guarani.

Rodrigues (2013) relaciona o Xetá a uma língua distante 100 anos do Guarani antigo, o registrado, no século XVII, pelo padre jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1639). Em 2013, Rodrigues *et al.* (2013) publicaram um vocabulário ilustrado Xetá onde foram reunidas palavras e expressões documentadas com indivíduos que dominavam a língua entre 1955 e 2013, junto a imagens desenhadas pela comunidade Xetá.

Acervo Xetá no Museu Paranaense

No período de 1955 a 1966, no momento de confronto e fuga Xetá, é que se origina a maior parte do acervo Xetá existente no Museu Paranaense, doado e trocado pelos indígenas com pesquisadores, como José Loureiro Fernandes, Vladimir Kozák, Ney Barreto, Aryon Dalligna Rodrigues, Anette Laming-Emperaire, entre muitos outros. Algumas peças incorporadas ao acervo do Museu Paranaense ainda no século XIX, coletadas por sertanistas, como Telêmaco Borba e Alberto Fric, e por Romário Martins, Diretor do Museu Paranaense entre 1902 e 1928, parecem relacionadas à etnia Xetá.

Estudos de tecnologia e proveniência estão sendo realizados para caracterizar e legitimar estes materiais. Muitos materiais e documentos ficaram no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR e depois foram incorporados ao atual Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. Alguns objetos etnográficos sem procedência, ou parcialmente identificados, podem ser no futuro revisados, e compor a coleção Xetá. Também, algumas peças atribuídas a Guarani, a Caiuá, a Kaingang, a Xokleng e a Botocudo podem ser reanalisadas para confirmar e/ou descartar a filiação cultural.

Em 1981, as coleções do Museu Paranaense foram enriquecidas pela chegada da herança jacente de Vladimir Kozák (1897-1979), engenheiro, documentarista e artista, que participou de expedições, organizadas por Loureiro Fernandes, especialmente a Serra dos Dourados, a Fazenda Santa Rosa e a Marrecas, onde registrou o cotidiano Xetá, inclusive áreas de habitação e tecnologias (Blasi, 2005). Kozák teceu laços de amizade com os indígenas, coletando uma ampla gama de objetos, além de imagens e manuscritos, incorporados ao acervo do Museu Paranaense, especialmente no setor de Antropologia.

São 601 objetos Xetá já identificados, com 78 relativos a oficinas recentes, entre 2010 e 2013, de esculturas-miniaturas Xetá em argila terracota seca, e 523 do período inicial. Destes 523, considerados tradicionais, a maioria é representada por: 144 esculturas em cerume de abelha jataí, e 117 artefatos líticos, como talhadores, plainas, raspadores e facas, especialmente em silexito e arenito silicificado, e batedores em seixos de basalto e arenito silicificado, além de 5 machados com cabo de madeira e lâminas em basalto ou arenito silicificado, polidas e/ou lascadas – *ñepraká* ou *hãý*, 2 lâminas de machado em basalto - *itañepraká*. Compreendem ainda o acervo Xetá do Museu Paranaense:

- 6 pinos de tembetás em resina de jatobá polida, com 3 apresentando travessas em madeira- o pino mede 4 e 8,5cm de comprimento e 1,5 a 2cm de largura,
- 9 pinos de tembetás em ossos de jaguatirica - o osso cortado e lixado nas pontas possui entre 3 a 6cm de comprimento e diâmetro de 0,5 a 1cm,
- 7 travessas em madeira de tembetás com largura entre 7 a 10cm e espessura de 0,3 a 1cm,

- 22 brincos em plumária de diferentes aves, como pica-paus, tucanos, gaviões e baitacas, alguns compostos por conjuntos de penas e plumas ligados por cordões em imbé ou caraguatá,
- 1 brinco com ossos de pequenos mamíferos e aves,
- 3 adornos peitorais com 25 a 36 dentes incisivos de irara, quati ou macaco, fixados em madeira reta com cordão em fibra de caraguatá - *sípal*,
- 2 adornos peitorais com cauda de macaco, sendo 1 com ossos e crânio de periquito,
- 3 adornos com cauda de um pequeno cordão em cipó de embira.
- 2 chapéus cilíndricos em couro de onça pintada, com 25 cm de altura,
- 3 capas em couro de onça pintada, usado em rituais de cura e casamento, ver figura 2,
- 1 tanga tecida em tear, a *hamiá*, com fios em fibra de caraguatá,
- 1 peça de tecelagem de tear, em fios de caraguatá, que se finalizada seria uma tanga *hamiá*,
- 3 fusos em cerume de abelha inseridos em varetas de madeira, com diâmetro dos fusos de 3,5 e 4,5cm e espessura de 0,2 a 0,3cm, e comprimento das varetas de 7 a 9cm,
- 43 agulhas e/ou espátulas em madeira para tecer,
- 16 paus pontiagudos usados como estacas para armadilhas e para evitar que o corpo encostasse na fogueira durante o sono, *adiikoká*,
- 9 bordunas em madeira em forma de remo, *aura haimbé*,
- 6 lanças em taquara grossa com ponta lanceolada em alecrim ou peroba, *wuá hatimai*,
- 4 flechas serrilhadas unilateralmente, com 16 dentes com 3cm de comprimento cada um e mais 3cm entre eles, duas destas flechas possuem emplumação com penas de urubu e 2 com penas de arara - *arawýti*, eram usadas para a caça de animais grandes,
- 2 flechas com ponta em virote rombuda em madeira branca, mole, com os virotes medindo 5x5cm e 4x3cm, penas de arara emplumam a haste em taquara, usado para caçar aves,
- 1 ponta- virote com fruto circular,
- 3 arcos com corda - *ngwýrápa*,
- 6 pegadores de brasa ou pinças em taquara,
- 1 cesto cargueiro em taquara com alça em casca de cipó imbé,
- 2 cestos pequenos em folhas de jerivá,
- 2 esteiras em folhas de jerivá, usado no solo para sentar ou deitar,
- 7 peneiras em taquara- *apá*, sendo quatro amarradas com embira, uma com cipó Imbé e uma com palha de milho,
- 1 alça trançada em folhas de jerivá,
- 3 porongos usados como cuias, *amówa*,
- 2 colheres em porongo, *yakã péngkwe*,
- 2 abanadores em folhas de jerivá,
- 1 flauta de Pã em taquara, *tágwa*,
- 1 fragmento de flauta, 3 gomos pequenos de taquara com encordoamento parcial,
- 1 gomo de taquara comprido- recipiente,
- 27 dentes e/ou ossos pequenos de animais para usos diversos- inclusive parte de adornos,
- 17 crânios de diferentes animais usados para proteção espiritual,
- 1 fruto da planta pente de macaco,

- 1 cocho em jaracatiá, para apiloar folhas de erva-mate e fazer a bebida *kukuái*,
- 5 raspadores ou formões em ossos longos de grandes mamíferos, como onças e antas, com comprimento entre 15 e 21cm,
- 7 agulhas em osso, medindo entre 7 e 9,2cm de comprimento
- 2 fragmentos de mandíbula de paca,
- 1 furador em aspa de veado, com comprimento de 12cm,
- 4 perfuradores com dentes de paca amarrados em hastes finas de madeira ou taquara- o comprimento total varia de 30 a 45cm,
- 1 casca do fruto do jatobá, que era queimado e moído para fazer a pintura corporal negra,
- 11 nódulos de resina solidificada de jatobá, matéria-prima dos pinos de parte dos tembetás.

No acervo do Museu Paranaense existem tanto materiais tridimensionais Xetá como bidimensionais associados, especialmente oriundos da coleção Vladimir Kozák: quadros a óleo, pastel e aquarelas, desenhos a lápis e a nanquim – alguns coloridos, cadernetas de campo, correspondências, fotografias, slides, transparências, fitas gravadas e filmes. Mostram a cadeia operatória de manufatura, os usos e rituais associados, os indivíduos que os confeccionaram, e a descrição das matérias-primas.

Com estes documentos e materiais foram analisadas diferentes estratégias de comunicação, buscando uma maior aproximação através de ações de educação patrimonial entre os descendentes Xetá, o Museu Paranaense e o público em geral, inclusive alunos, professores e gestores de redes escolares. Nas oficinas sobre esculturas-miniaturas Xetá realizadas entre 2009 e 2011, vários indivíduos Xetá referiam-se ao Museu Paranaense como sendo “a nossa casa...”, onde parte da memória ancestral está concentrada e disponível para o mergulho no tempo e nas lembranças de entes queridos.

Em 1987, o Museu Paranaense, ciente da importância do acervo Xetá, realizou um curso de etnoarqueologia para 30 alunos, a maioria graduados e atuantes. No curso discutiam-se questões teóricas e práticas importantes na arqueologia mundial, sendo os principais ministrantes: Irmhild Wust, Ulpiano Bezerra de Meneses, Tânia Andrade Lima e Tom Miller Jr. Houve reflexões sobre a arqueologia como ciência social, a natureza e o trabalho de campo em etnoarqueologia, a arqueologia experimental, a análise de uso-desgaste, os padrões de assentamento, a cultura material e antropologia, os processos de formação de refugio, e os sistemas culturais. Dados relativos aos Xetá foram usados no decorrer do curso, e colaboraram na formação de muitos profissionais que até hoje desenvolvem estudos etnoarqueológicos.

O Museu Paranaense apresenta desde 2002, na sede do São Francisco, em Curitiba, Paraná, como parte da exposição de longa duração sobre "Arqueologia e História do Paraná" um diorama com vários objetos Xetá relativos ao período 1955 a 1966, com fotografias, desenhos, aquarelas e telas de Vladimir Kozák representando mitos e o cotidiano Xetá. Além disso, várias exposições itinerantes e de curta duração com a temática relacionada aos Xetá já circularam.

Uma destas mostras de curta duração, com curadoria de técnicos do Museu Paranaense, a “Arte Xetá: caminhos entre arqueologia, estética e linguística”, foi realizada no Memorial Darcy Ribeiro, na Universidade de Brasília em 2011, durante o Seminário Internacional de Arqueologia e Linguística Histórica das Línguas Indígenas Sul-Americanas, e “Povo Xetá: entre arqueologias e memórias”, em maio de 2015, na III Reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia - Centro-Oeste, em Chapada dos Guimarães, Mato Grosso.

Também é importante destacar que existem materiais Xetá, tanto tridimensionais como impressos, em diferentes instituições, como no Laboratório de Etnohistória da

Universidade Estadual de Maringá, que possui flechas serrilhadas unilaterais e arcos, no Museu do Sambaqui em Joinville - um exemplo é um tembetá em madeira e osso de jaguatirica, e também possivelmente em museus da Alemanha, República Tcheca, França, Rússia, Paraguai, Canadá e Estados Unidos, que certamente poderão colaborar na compreensão da dinâmica da sociedade Xetá. Novos estudos estão sendo realizados para identificar e caracterizar um maior número destes documentos impressos, imagens e cultura material relativos ao povo Xetá.

Memórias e a construção do corpo

Nas atividades educativas com e sobre o povo Xetá buscou-se aprofundar discussões relativas a mitos e ritos, aos ciclos de vida e morte, marcados por períodos de celebração e isolamento, reflexos da passagem do indivíduo para uma nova condição social dentro da aldeia. Os corpos e pessoas eram construídos e transformados através de marcas estéticas, com pintura corporal, tecidos e uso de adornos, como no ritual de iniciação masculina com a furação do lábio e a colocação de tembetá com travessa de madeira, *jatxígwá*, no interior da boca, e pino, *hametá*, conforme a metade clânica em resina de jatobá ou nó de pinho, ou osso de jaguatirica.

Diferentemente de outros grupos Tupi-Guarani, o herói-civilizador Xetá seria o Sol, *ñane txápe takíy*, o irmão mais velho, e a Lua, *ñane txápe tywy*, o mais novo (Silva, 2003: 229).

Em 1955, o povo Xetá configurava uma sociedade patrilinear, com relações preferenciais avunculares para casamentos. Kozák *et al.* (1981: 33) relacionam duas metades: os contatados em 1955 pertenceriam ao grupo *Onfabaitá*, exceto Eirakán do *Aigaraté Aguey*, e cada grupo possuía um tipo de adorno labial. Silva (2003: 152), segundo narradores Xetá, identifica os grupos locais a partir da localização em relação ao rio Ivaí, sendo denominados *opába íta* - os das várzeas - os que moravam nas proximidades do rio, e os *úrata íta* - os dos lugares secos - ou *aj karete adwaj*. Na memória dos sobreviventes Xetá de 1955 a 1961 haveria sete grupos na região: dois *úrata íta* e cinco *opába íta*, e provavelmente as diferentes descrições nos séculos XIX e XX decorrem do grupo específico contactado, o que pode ser melhor percebido em correlações de Silva (2003: 157). De acordo com as narrativas Xetá havia dois ou mais nomes diferentes para cada objeto, lugar, animal e pessoa.

Tuka e Tikuein (Silva, 2003: 154) descreveram dois grupos que moravam na margem esquerda do Ivaí: o *Totókãpama* ou besourinho e o *Idjaxo parema* ou papudo. *Totókãpama*, como *Kuein*, tinham baixa estatura, sendo excelentes caçadores de onça, usavam tembetás em osso de jaguatirica, turbantes em couro de onça, borduna roliça ou *aura pingueby*, como a do acervo do MAE-UFPR, e moravam em casas grandes ou *apoenge awatxu*, alimentando-se especialmente de caça e coquinho de jerivá. Os *Idjatxo parema* eram mais altos e possuíam papada ou pescoço mais largo, usavam tembetás em resina de jatobá, tanga em fibra de caraguatá, borduna em forma de remo ou *aura hambé*, morando também em casas grandes, ver figura 3. O tembetá em forma de pino, assemelhado a um pinhão, poderia ser feito em nó de pinho.

No ritual de iniciação feminina a menina, com a menarca, tinha a barriga pintada de vermelho e marcada com 3 incisões, sendo isolada em jirau alto no interior de casa cerimonial. Passados alguns dias saía do isolamento, recebia um novo nome e o colar *sípal*. Seeger *et al.* (1987: 20) observam que nas sociedades ameríndias o corpo opera como idioma simbólico que possibilita a definição e a construção êmica de pessoa pelo grupo social.

Os adornos, escarificações e pinturas corporais Xetá variavam de acordo com a idade e o gênero, buscando caracterizar o novo status social alcançado. O acervo documental e imagético do Museu Paranaense, oriundo de várias cadernetas de campo

de Vladimir Kozák, possui riqueza em detalhes. Kozák também incentivou que indivíduos Xetá fizessem desenhos buscando representar as memórias, estes desenhos estão também acervados no Museu Paranaense, ver figura 4.

As crianças usavam longos cordões com sementes negras de *oöl*, alguns com muitas voltas, ao redor do pescoço. Os Xetá, desde a adolescência, podiam ter brincos em plumária, sendo que homens usavam faixas, ao redor da cabeça, em folha de jerivá, pele de onça ou cauda de macaco. As mulheres, em rituais, adornavam-se com faixas em folhas de abacaxi. No pescoço tinham colares-amuleto com feixes em ossos e partes de animais, como cabeças ou asas. Havia o adorno peitoral, *sipál*, em hastes retas da madeira jerivá cravadas com dentes de irara, quati ou macaco, com fios de caraguatá e sementes (Kozák *et al.* 1981).

De acordo com mitos relatados para Kozák, nos tempos que viviam em grandes aldeias, recordavam que, em alguns rituais, os homens usavam coroas com longas penas de pássaros, além de capas em pele de onça e pintura corporal com seiva vermelha sobre todo o corpo. A pintura negra, com carvão na face de crianças e homens, eram três linhas abaixo do queixo, uma faixa horizontal na bochecha, e um círculo preenchido abaixo de cada olho. No ritual da furação do lábio a pintura representava uma figura assemelhada à letra Y invertida, observar desenhos de Kozák.

O funeral Xetá, em 1950, era realizado amarrando o falecido em posição fletida, sepultado a 60cm de profundidade em áreas distantes do acampamento, sendo o fundo da cova coberto por nível de folhas e ramos, e depois fazia-se um pequeno monte onde na parte superior acendia-se uma fogueira. Nos sepultamentos de homens, em alguns casos, eram inseridos o arco e a flecha que o morto usou em vida.

Esculturas em cerume de abelha jataí

Esculpir miniaturas em cerume de abelha jataí, geralmente de cor marrom escura com acréscimo esporádico de cinzas de carvão, era atividade frequente entre homens adultos Xetá. Havia esculturas de *möu*, seres fantásticos, mistura de homens e animais que representavam espíritos maus de parentes falecidos ou animais caçados, causadores de transtornos, doenças e mortes nas aldeias, mas que tinham seu efeito devastador diminuído quando transformados em pequenos objetos ao alcance dos vivos. Certos espíritos *möu* tinham olhos em grãos e/ou sementes arredondadas brancas, vermelhas ou negras.

As pequenas esculturas possuíam caráter lúdico e mágico, colaborando na compreensão pelas crianças do mundo dos mortos e dos vivos, verificar tabela 2. No acervo do Museu Paranaense existem 144 esculturas de miniaturas, representando animais (87,44%), seres fantásticos (9,09%), figuras humanas (2,09%), e objetos tradicionais (1,38%), sendo frequentes animais presentes em mitos Xetá e na floresta estacional semidecidual do Paraná, como urubus, tamanduás, lagartos, cobras e felinos: onças e gatos do mato. Deve ser comentado que os Xetá fizeram muitas esculturas devido à insistência de Kozák, e nesse caso devemos refletir em possíveis diferenças estatísticas e estéticas das formas tradicionais, como pode ser observado em discussões em relação à cestaria Mbya Guarani por Godoy & Carid (2016).

O urubu (10,42% do total) é um animal de grande status social para povos Tupi, porque voa muito alto planando nos céus e em mitos transita no mundo dos mortos, é um mediador do sagrado. Em mitos Xetá é o urubu que cria e oferece o fogo. Filhotes de quati, anta, macaco e tamanduá foram também modelados, com auxílio de pequenas lascas de madeira, da polpa dos dedos e das unhas das mãos. A técnica é assemelhada com a modelagem em argila acrescentando cinzas para diminuir a plasticidade do cerume e usando água para amolecer a pasta, sendo a secagem na sombra fresca.

A massa destas miniaturas varia entre 4 e 200 gramas, sendo as mais leves de pássaros e as mais pesadas de antas, onças e alguns *mõu*, alguns possuindo entre 30 e 40 gramas. As proporções acertadas e aspectos anatômicos detalhados mostram o conhecimento e a familiaridade com os animais, que, muitas vezes, caçados filhotes, depois se tornavam animais domésticos, como papagaios e quatis, documentados por Kozák entre 1955 e 1966.

Tabela 2 – Esculturas Xetá, em cerume de abelha jataí, segundo análise comparativa de formas, que fazem parte do acervo do Museu Paranaense.

Tipos de esculturas, e nome em língua Xetá		Quantidade	Porcentagem	
Seres fantásticos (várias assemelhas a anfíbios)		13	9,04	
Figuras humanas (bebê, mulher grávida, homem)		3	2,09	
Borduna		1	0,69	
Tembetá		1	0,69	
Animais	Mamíferos	Macaco, <i>pirákoj</i>	5	3,47
		Onça, <i>ñágwa</i>	6	4,17
		Gato do mato, <i>ñagwakã</i>	6	4,17
		Jaguatirica	1	0,69
		Graxaim	1	0,69
		Guará	1	0,69
		Ariranha	10	6,95
		Irara, <i>éjrakã</i>	5	3,47
		Quati, <i>héheáj</i>	5	3,47
		Porco do mato, <i>amakahýwaj</i>	5	3,47
		Veado, <i>hývaj</i>	3	2,09
		Anta, <i>tapir</i>	3	2,09
		Capivara, <i>kapiwaj</i>	6	4,17
		Esquilo	1	0,69
		Tatu, <i>tatu</i>	5	3,47
		Tamanduá bandeira	3	2,09
		Tamanduá mirim, <i>móko</i>	5	3,47
		Gambá, <i>kadjaj</i>	9	6,25
		Morcego, <i>mópi</i>	4	2,78
	Aves		Urubu, principalmente urubu-rei, <i>arúj</i>	15
		Gavião, <i>ngwyrãw</i>	1	0,69
		Pato	2	1,39
		Tucano, <i>túka</i>	1	0,69
		Papagaio, <i>katxój</i>	1	0,69
		Arara, <i>ngwaká</i>	1	0,69
		Saracura, <i>kwakwaaj</i>	1	0,69
		Tuiuiú	1	0,69
		Colibri, <i>miñuma</i>	1	0,69
		Picapau, <i>p~ikáj</i>	1	0,69
Répteis		Passarinho, <i>ngwýrá</i>	2	1,39
		Cobra, <i>mój</i>	7	4,87
		Lagarto, <i>mój héruaj</i>	2	1,39
		Lagartixa	1	0,69
Peixes		Tartaruga, <i>txojtxojaj</i>	3	2,09
		TOTAL	144	100,00

Em oficinas com descendentes Xetá, realizadas entre 2010 e 2013, no Museu Paranaense e na Secretaria de Estado da Educação do Paraná, foram modeladas, em argila terracota, 78 miniaturas, com temas livres, sendo os mais recorrentes, animais silvestres, cerca de 50%. Estas esculturas em argila foram incorporadas ao acervo do

Museu Paranaense por solicitação dos próprios Xetá; observar análise e fotografias de atividades mediadas pela arqueóloga Claudia Parellada (Araújo, 2012: 178-183).

Hanke (1956) descreveu várias miniaturas, algumas sagradas, em madeira, de indígenas Guarani Caiuá do Paraguai, inclusive pequenas esculturas de animais como macaco, porco do mato e tatu. Os Guarani Mbya também confeccionam miniaturas de animais, algumas vezes de figuras humanas, *vicho ra'anga*, em madeira branca e mole, a caxeta (*Tabebuia cassenioides*). É importante lembrar que, como destacam Oliveira (2002) e Bonamigo (2009), o corpo do Guarani Mbya é o artesanato de *Ñanderu*, é nele que são reproduzidos saberes e tradições.

O cotidiano Xetá: entre armas e ferramentas

A maior parte do acervo Xetá no Museu Paranaense está relacionada a materiais líticos e ósseos para trabalhar madeira e couro, e processar alimentos, como machados com cabo de madeira e lâminas em basalto, pilões horizontais em madeira, entre outros. Eram usados raspadores, em ossos longos de onça ou anta, específicos para desbastar a madeira de troncos e galhos de árvores, que podiam ser impulsionados com a percussão do cabo de machado, sem a lâmina de pedra.

A perfuração de madeira, pele e couro geralmente acontecia através de mandíbulas e dentes de roedores, como paca (*txámi*), cotia e ratos. Alguns ossos de animais eram polidos e se transformavam em palitos para retirar espinhos e pequenos insetos da pele, conforme documentação manuscrita e imagética de Kozák.

As grandes lanças *wuá hatimai* possuem pontas em madeira, como o alecrim, com 40cm de comprimento, fixadas em taquara com 3,5cm de diâmetro, adornadas com penas de urubu, e comprimento total variando entre 197 a 228cm, servindo na caça de grandes mamíferos, ver figura 5. Os arcos, em cerne de ipê *araraúte*, mediam entre 200 a 236cm, com fios em fibra de caraguatá, sendo o trabalho, em madeira, masculino e a preparação da corda em fibras de caraguatá, feminino. As flechas e lanças tinham a extremidade chanfrada, o que ajudava na caça no momento da mira, e possibilitava a fixação no solo.

No Museu Paranaense, as 9 bordunas, *aura haimbé*, em forma de remo, em alecrim, tem o comprimento variando entre 78 a 135cm, largura entre 16 e 23cm, sendo a parte mais larga endurecida com brasas. A superfície da madeira era polida com cascas de ipê, cinzas de carvão e água, que a tonalizavam de marrom ferrugem (Fernandes, 1959, 1961; Kozák *et al.*, 1981). Kozák registrou narrativas, depois representadas em ilustrações, da luta com estas bordunas. O cabo desta borduna podia ser usado para apiloar coquinhos jerivá e fazer farofa de carne, e existia um pedaço de madeira retangular, o *aura pera*, com 90cm de comprimento que servia de encosto ao dormir, e também se batido a uma árvore chamava a chuva.

Nas aldeias e acampamentos Xetá existiam recipientes em diferentes materiais, como tigelas em folhas de jerivá amarradas - a canoa em espatas de coqueiro, cascos de tatu, porongos, entre outros, e em tempos antigos, parecem ter confeccionado vasilhames cerâmicos.

Os porongos secos tinham diferentes usos: ajudar no banho, dividir e armazenar alimentos, beber água, chá e sucos de cocos e frutas, fermentados ou não. Sementes de porongos sempre eram carregadas para serem espalhadas, pois nos séculos XIX e XX as cuias e colheres em porongo eram recipientes básicos no cotidiano Xetá.

No Museu Paranaense, na exposição de longa duração, está um cocho em tronco escavado de jaracatiá, com 71cm de comprimento, diâmetro variando entre 42 e 44cm, com uma abertura retangular, no sentido longitudinal, com dimensões 60x15cm, usado para apiloar folhas de erva-mate, que crescidas de água se transformavam em bebida - *kukuai*. Pilões e almofarizes, verticais ou horizontais, também podiam ser escavados em

troncos de jerivá, tinham o desempenho aumentado da moagem caso fosse inserida pedra achatada no interior.

Kozák filmou a cadeia operatória do machado polido Xetá, o *itaneppraká*, a partir de seixo oval e simétrico retirado de córrego. O córtex da rocha foi picoteado, a pedra mergulhada em mistura de argila branca, areia e água, e polida em bigorna em rocha dura. A lâmina recebeu cabo em madeira verde molhada fixada por compressão em orifício escavado com raspadores em ossos de onça ou de anta (Kozák, 1972: 19).

O aprofundamento de estudos na tecnologia em artefatos ósseos, em dentes e em madeira entre a documentação histórica dos Xetá entre 1955 e 2001, conjuntamente a narrativas dos descendentes, pode evidenciar usos de diferentes matérias-primas e funções, as tecnologias aplicadas detalhando cadeias operatórias, a análise traceológica, entre outras, como analisado em sítios arqueológicos nas várzeas do rio Paraná na Argentina (Buc & Loponte, 2016).

Os machados serviam especialmente para derrubar árvores, coquinhos das palmeiras e colmeias com mel, abrir troncos podres para retirar larvas, e com a ponta chanfrada do cabo de madeira fazer buracos para inserir estacas de habitações e armadilhas, quebrar coquinhos e ossos, e moer alimentos (Kozák *et al.*, 1981).

Em 1960, Laming-Emperaire coordenou estudos de técnicas de lascamento e polimento lítico entre os Xetá, documentando narrativas sobre o uso e a elaboração de diferentes ferramentas (Laming-Emperaire, 1963: 114-115, Laming-Emperaire, 1964, Laming-Emperaire *et al.*, 1978). Miller Jr (1979, 2009) apresentou relatos de estratégias para lascar artefatos líticos, indicando que alguns Xetá escolhiam lascas aparentemente inacabadas depois de espatifar núcleos.

Os líticos com bordo ativo com ângulos entre 65° e 85° eram usados para trabalhar madeira, e para retocar materiais em taquara e/ou bambu, os bordos possuíam ângulos agudos, segundo Miller (2009). Prous (2004) revisou dados de Laming-Emperaire *et al.* (1978) e de Miller com Kuein e Nheengo, indicando que lascas bipolares seriam na verdade lascas térmicas extraídas por choque. Merencio (2014) fez um amplo estudo sobre as coleções líticas Xetá acervadas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, mostrando a fragilidade no aprofundamento de discussões sobre tecnologia lítica quando os acervos não possuem uma contextualização global de informações.

Antropologia e arqueologia: repensando abordagens

Os acampamentos históricos Xetá na Serra dos Dourados, descritos entre 1955 e 1961, trouxeram importantes discussões e possibilitaram construir modelos de sociedades caçadoras-coletoras, observar Laming-Emperaire (1963, 1964) e Merencio (2014). Entretanto, analisando detalhadamente a cultura material, os relatos históricos e a mitologia Xetá verifica-se a presença recorrente da cerâmica e agricultura.

Fric (1909) aponta a prática agrícola entre os Xetá, com o cultivo de mandioca, milho, algodão e tabaco, conforme Loukotka (1960: 336), e Borba (1904: 57) apresenta termos de povos Aré para fumo, feijão e milho, apesar de destacar que na época não possuíam roças.

Rodrigues (2013: 64) em anotações com os Xetá, entre 1960 e 1962 e 1967, apresenta o mito da onça morta com ensopado de carne quente tirado de panela cerâmica, além do uso Xetá do termo *yapepó* para vasilhames grandes.

É importante destacar que Clastres (1997: 73, 2013) observa, baseado em relatos do padre jesuíta Lozano do século XVII, que os Aché ou Guayaki teriam desistido de práticas agrícolas devido a conflitos com grupos Guarani e com os espanhóis. Alguns argumentos de Clastres foram considerados generalistas por antropólogos como Gutwirth (2001), Goldman (2011) e Lima (2011). Entretanto, as narrativas apresentam horizontes a

serem melhor discutidos e analisados, que também podem contribuir numa maior compreensão dos processos e transformações sociais do povo Xetá ao longo do tempo.

Entre 1955 e 1961, na Serra dos Dourados, eram acampamentos com ranchos pequenos, *tapuy*, e poucos indivíduos, possivelmente uma estratégia de fuga que visava evitar conflitos com o avanço das fronteiras agrícolas para o oeste paranaense. Porém, em tempos anteriores, pela tradição oral, existiam grandes aldeias, *okawatchu* ou *oka*, com grande casa em forma de domo, *apoenge*, coberta integralmente, com entrada voltada para o oriente e uma plataforma superior, posicionada no lado oeste da clareira (Kozák *et al.*, 1981: 40-42). As aldeias maiores possuíam características mais próximas a disposições espaciais comuns em sítios arqueológicos Guarani no Paraná.

A pesquisa etnoarqueológica relativa a padrões de refugio indica a dependência de alguns fatores na maneira como os grupos nômades dispõem os materiais, tanto em locais de uso como em áreas de refugio secundário. Esses fatores podem ser a relação entre as características da cultura material e os padrões de disposição do refugio, o tamanho da ocupação e a forma da habitação, e a possibilidade de reocupação do sítio (Kent, 1987).

Outros importantes fatores que definem o uso de espaço, conforme Kent (1987) são: a relação entre o modo de abandono do sítio, o transporte disponível, a distância do novo sítio, a rigidez na divisão do trabalho, as hierarquias, o comportamento em relação à movimentação do grupo, além das características da cultura material, como por exemplo o tamanho, o peso, o valor simbólico, entre outros. Estas são variáveis que podem compor uma matriz capaz de representar a sociedade Xetá ao longo do tempo,

A literatura tradicional sobre sítios arqueológicos Guarani os relaciona a povos agricultores e ceramistas da língua Guarani e variedades dialetais que ocuparam as regiões com florestas úmidas do sul da América do Sul (Brochado, 1973; Scatamacchia, 1990). No Paraná ocorrem em quase todo o território, aparecendo com frequência nos vales de grandes rios, como Paraná, Ivaí, Piquiri, Tibagi e Iguaçu. Caracterizam-se basicamente pela cerâmica, com diferentes tipos decorativos, principalmente o corrugado, o corrugado-ungulado, o escovado e o pintado em linhas vermelhas e/ou pretas sobre engobo branco, entre outros. Os artefatos líticos característicos são lâminas de machado lascadas e polidas, tembetás, raspadores, unifaces, bifaces, polidores em canaleta e adornos peitorais polidos. São comuns os sepultamentos em vasilhames cerâmicos, onde eram inseridos os objetos principais do morto.

Noelli (2004) aponta padrões de assentamento Tupiguarani, no noroeste paranaense, ressaltando a presença de terra preta arqueológica e quantificando as diversas espécies vegetais manejadas, através de um modelo agroflorestal. A dieta alimentar desses grupos baseava-se no cultivo de mandioca, milho, batata-doce e feijões; na pesca, caça e coleta de frutos, raízes e mel, conforme Métraux (1948) e Brochado (1977).

Bonomo *et al.* (2015) apresentam uma revisão de dados sobre sítios arqueológicos Guarani no sul da América do Sul, destacando características e apontando possibilidades de rotas de ocupação para a região, elencando muitas datações. Entretanto, é importante lembrar que boa parte dos sítios arqueológicos Xetá, especialmente dos séculos XVII ao XX, que estariam dentro do grupo dialetal Guarani, certamente escapariam de ser relacionados aos contextos arqueológicos diagnósticos da Tradição Arqueológica Guarani.

Afinal, a sociedade Xetá parece ter sofrido profundas transformações sociais refletidas na organização social, espacial e nas estratégias de subsistência, conseguindo ser mais amplamente caracterizada através da memória mítica e da língua.

A ocupação do espaço e a definição de territórios dependem, em especial, de três aspectos: a sazonalidade de recursos que provocaria mudanças nas áreas de captação,

as diferentes funções dos assentamentos, e a relação de dimensões e estruturas dos assentamentos com os segmentos sociais de cada grupo (Forsberg, 1985: 9). A variabilidade entre sistemas de assentamento e subsistência está condicionada a estratégias de adaptação em certos ambientes e climas, a partir de dados antropológicos, etnohistóricos e etnoarqueológicos (Binford, 1980). Assim, a mobilidade residencial é vinculada à produtividade ambiental, condicionante das estratégias de subsistência.

A identificação de sítios arqueológicos relacionados aos povos Xetá, documentados entre 1955 e 1961 na Serra dos Dourados, noroeste paranaense, não tem se mostrado fácil, pois a maioria dos vestígios dos acampamentos era orgânico e os solos muito arenosos sobre embasamento dos arenitos Caiuá, muito susceptíveis a erosão profunda.

Kozák, em diferentes cadernetas de campo, bem como Silva (2003) e Rodrigues (2011, 2013) em entrevistas com Xetá, especialmente em relação aos mitos, nos oferecem horizontes para novas análises na dinâmica social e mesmo na arqueologia desta sociedade.

Somente com maior detalhamento e sistematização de dados do acervo da cultura material em diferentes instituições, inclusive de outros países, poderão ser caracterizados parâmetros consistentes para uma análise diagnóstica mais segura e abrangente.

Conclusões e perspectivas

Apesar de toda a riqueza e diversidade cultural Xetá, cuja palavra significa “muitos”, o grande impacto sobre esta população, nos últimos 100 anos, a reduziu rapidamente a “poucos” de tal forma que parecia que restavam os descendentes espalhados no Paraná sem uma Terra Indígena demarcada, e alguns objetos em museus e instituições de pesquisas. A herança fragmentada imaterial, material e territorial do povo Xetá poderia representar um obstáculo ao futuro como sociedade, e mesmo a compreensão da dinâmica social.

Novos horizontes foram abertos com a memória dos Xetá que sobreviveram, a cultura material depositada em diferentes museus, o imenso acervo imagético de Vladimir Kozák, os diversos estudos antigos e atuais desenvolvidos, e a realização de diferentes ações de educação patrimonial, com oficinas que discutem a linguística, a estética e a memória.

As pinturas no corpo, a tecelagem em fibras de caraguatá, os adornos em plumária e trançado, as esculturas em cera de abelha, miniaturas de animais e seres fantásticos presentes nos mitos, a cestaria, a lâmina do machado com o mesmo termo usado para um dente da boca *hã̃y*, são componentes do universo simbólico Xetá. A arte está presente na moldagem dos corpos, na construção da identidade étnica do grupo, na comunicação com outros povos e na interação com o meio-ambiente. As manifestações estéticas, presentes no cotidiano e em rituais, caracterizam o universo cosmológico deste povo ameríndio.

A arte Xetá evidencia a riqueza e a diversidade de saberes tradicionais, possibilitando elementos geométricos misturarem-se a heróis míticos: pessoas ou animais com poderes sobrenaturais. A identidade Xetá reflete um amplo domínio da natureza, fauna e flora em contrastes de cores e matérias-primas, refletidos em mosaicos únicos em plumária, trançado, cestaria, madeira e/ou pintura corporal. A tecelagem em tear com fios de fibras de caraguatá mostra o domínio de técnicas especiais na elaboração da indumentária. Capas e chapéus em pele de onça, bordunas com formatos de remos, a delicadeza das esculturas em cerume de abelha, e os cantos sagrados e adornos peitorais com dentes e crânios de animais que protegem os diferentes mundos: dos vivos e dos mortos.

A culinária Xetá mostra-se adaptada ao ambiente tropical, em floresta, porém seletiva, com tabus alimentares em relação a urubus, rãs, sapos, gafanhotos, formigas,

cigarras e caracóis. Esses tabus estão relacionados a animais e seres fantásticos relacionados a mitos de origem e criação Xetá. É importante destacar que homens Xetá representavam os espíritos ruins da floresta através de miniaturas em cerume de abelha de sapos em cócoras com cabeça de capivara e olhos vermelhos, ou com forma, tanto masculina quanto feminina. O canto das cigarras, descrito em mitos, é o marcador da mudança de estações verão-inverno.

Novos estudos arqueológicos são fundamentais para rever um possível equívoco em relação à sociedade Xetá, pois em 1950 se acreditava que constituíssem uma sociedade que vivia somente da caça de animais e coleta de frutos. Estudos mais recentes indicam que o comportamento dos Xetá, naquele momento, justificava-se pelas constantes andanças provocadas por diferentes conflitos pelo desmatamento e a entrada de colonos trazidos pelas frentes agrícolas, que talvez tenham se iniciado por conflitos no século XVI. Nos mitos e no vocabulário Xetá, documentados entre 1955 e 2001, têm-se termos e descrições relativos a agricultura, a cerâmica e a grandes aldeias. Grande parte da população Xetá evitava o contato com outros indígenas e não-índios nos séculos XIX e XX.

Elementos da linguística e da estética Xetá mostram estar articuladas com a cultura material e as representações simbólicas de grupos pré-coloniais e coloniais do sul do Brasil, e colaboram nas reflexões sobre tecnologia e organização social de diferentes ocupações humanas na região. A língua, os mitos e a estética são fundamentais na afirmação da identidade Xetá, e vem evidenciando os saberes tradicionais desses grupos e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Evidencia-se a linguagem visual de um povo que ainda luta para ter a identidade reconhecida, e a necessidade de demarcar um território para que os descendentes Xetá possam manter viva uma memória ainda diluída no tempo.

Novas ações de educação patrimonial estão sendo implementadas, buscando maior interação entre os povos indígenas e as comunidades locais, e a discussão de uma memória coletiva, que afaste ou diminua os conflitos e a intolerância.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, T.C. 2013. *A herança da fala: identidade étnica e memória documental da língua Xetá, Tupi-guarani*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília.
- AMOROSO, M. 2014. *Terra de Índio: imagens em aldeamentos do Império*. São Paulo, Terceiro Nome.
- AYTAI, D. 1981. Um microcosmo musical: canto dos índios Hetá. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* 38: 122-159.
- ARAÚJO, R.C. 2012. *Educação escolar e os indígenas Xetá no Paraná: uma abordagem da teoria histórico-cultural*. Dissertação de Mestrado em Educação, Univ. Estadual de Maringá.
- BENETTI, R.C. 2015. *Vladimir Kozák : sentimentos e ressentimentos de um "lobo solitário"*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná.
- BIGG-WITHER, T.P. 1974. *Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná, três anos em suas florestas e campos 1872/1875*. Rio de Janeiro/Curitiba, Livraria José Olympio Editora/Universidade Federal do Paraná.
- BLASI, O. 2005. Depoimento. *Arqueologia CEPA* 3: 37-46.
- BINFORD, L. 1980. Willow smoke dog's tail. *American Antiquity* 45(1): 4-20.
- BONAMIGO, Z.M. 2009. *A economia dos Mbya-Guaranis: trocas entre deuses e homens na ilha da Cotinga, em Paranaguá- PR*. Curitiba, Imprensa Oficial.
- BONOMO, M.; ANGRIZANI, R.C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F.S. 2015. A model for the Guarani expansion in the La Plata Basin and litoral zone of southern Brazil. *Quaternary International* 356: 54-73.
- BORBA, T.M. 1904. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo 6: 53-62.

- BORBA, T.M. 1908. *Atualidade indígena*. Curitiba, Imprensa Paranaense.
- BROCHADO, J.P. 1973. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones* n.s. 7: 7-39.
- BROCHADO, J.P. 1977. *Alimentação na floresta tropical*. Porto Alegre, Inst. Filosofia e Ciências Humanas da UFRS.
- BUC, N. & LOPONTE, D. 2016. Bone tools reflecting animal exploitation, the case of *Lama guanicae* in the lower Paraná Basin. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Serie Especiales* 3(2): 23-53.
- CABRAL, A.A.C.; RODRIGUES, A.D. & VASCONCELOS, E.A. 2005. Sobre o sistema pessoal da língua Xetá. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, Brasília, 57-64.
- CLASTRES, P. 1995. *Crônicas dos Índios Guayaki. O que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai*. São Paulo, Editora 34.
- CLASTRES, P. 2013. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo, Cosac Naify.
- ELLIOT, J.H. 1847. Resumo do itinerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itarare, Paranapanema e seus afluentes, pela Paraná Ivahy, e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do exmo. Sr. barão de Antonina. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 9(1): 17-42.
- FAUSTINO, R.C. et al. 2013. *Jane Rekó Paranhá: narrativas Xetá*. Maringá, EDUEM.
- FERNANDES, J.L. 1959. Os índios da Serra dos Dourados: os Xetá. *Anais da 3 Reunião Brasileira de Antropologia*, Recife 1: 27-46.
- FERNANDES, J.L. 1960. Les Xetá et les palmiers de la forêt de Dourados: contribution a l'ethnobotanique du Paraná. *Actes des Congres Internacionales des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques*, Paris 2: 38-43.
- FERNANDES, J.L. 1961. Le Peuplement du nordouest du Paraná et les indiens de la Serra dos Dourados. *Boletim Paranaense de Geografia* 2/3: 79-91.
- FERNANDES, J.L. 1962. Os índios da Serra dos Dourados. Estado atual das pesquisas. *Bulletin Intern. Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research* 5: 151-154.
- FORSBERG, L.L. 1985. *Site variability and settlement patterns*. Thesis (PhD), Department of Archaeology, University of Umea.
- FRIC, A.V. 1909. Kaingánové, lovci otroku: Crta z Paraná. *Daleky kraj* 1: 47-62.
- FRIC, A.V. 1943. *Indiáni Jižní Ameriky (Sud-Amérindiens)*. Praga, Novina.
- GODOY, G. & CARID, M. 2016. A diferença faz a diferença: originais e cópias Guarani-Mbya. *Journal de la société des Americanistes* 102-1: 105-128.
- GOLDMAN, M. 2011. Pierre Clastres ou uma antropologia contra o Estado. *Revista de Antropologia da USP* 54(2): 577-599.
- GUÉRIOS, R.F.M. 1959. A posição linguística do Xetá. *Letras* 10: 92-114.
- GUTWIRTH, J. 2001. A etnologia, ciência ou literatura? *Horizontes Antropológicos* 7(16): 223-239.
- HANKE, W. 1956. Beitrag zur Kultur der Caiuás. *Zeitschrift für Ethnologie* 81(2): 218-235.
- HELM, C.M.V. 1994. Os Xetá: a trajetória de um grupo Tupi-Guarani em extinção no Paraná. *Anuário Antropológico* 2: 105-112.
- KELLER, F. & KELLER, J. 1866. *Relatório da exploração do rio Ivahy, Tibagy e Paranapanema*. Relatório do Presidente de Província do Paraná, Rio de Janeiro.
- KENT, S. 1987. Understanding the use of space: an ethnoarchaeological approach. In: KENT, S. *Method and theory for activity area research: an ethnoarchaeological approach*. New York, Columbia University Press 1-60.
- KOZÁK, V. 1972. Stone age revisited. *Natural History* 81(8): 14-24.
- KOZÁK, V.; BAXTER, D.; WILLIAMSON, L. & CARNEIRO, R.L. 1981. Os índios Hetá: peixe em lagoa seca. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* 38: 9-120.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1963. *L'archéologie préhistorique*. Paris, Éditions du Seuil.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1964. Les Xeta, survivants de l'âge de pierre. *Objets et Mondes* 4: 263-276.

- LAMING-EMPERAIRE, A.; MENEZES, M.J.; ANDREATTA, M.D. 1978. O trabalho da pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados, Estado do Paraná. *Coleção Museu Paulista: série ensaios 2*: 19-82.
- LIMA, E.C. & PACHECO, R. 2017. Povos indígenas e justiça de transição: reflexões a partir do caso Xetá. *Aracê- Direitos Humanos em Revista* ano 4, 5: 219-241.
- LIMA, T.S. 2011. Por uma cartografia do poder e das diferenças nas cosmopolíticas ameríndias. *Revista de Antropologia da USP* 54(2): 601-646.
- LOVATO, L.L. 1974. A contribuição de Franz Keller á etnografia do Paraná. *Boletim do Museu do Índio, Antropologia* 1: 1-41.
- LOUKOTKA, C. 1929. Les Seta: um nouveau dialecte Tupi. *Journal de la Société des Americanistes* 21: 373-398.
- LOUKOTKA, C. 1960. Une tribu indienne peu connue dans l'état bresilien Paraná. *Acta ethnographica Academiae Hungaricae* 9(3-4): 329-368.
- MAGNOLI, D. 2009. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto.
- MARANHÃO, M.F.C. 1989. *Etnoarqueologia Xetá*. Monografia de Especialização em Antropologia, Universidade Federal do Paraná.
- MARANHÃO, M.F.C. 2006. *Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as ciências sociais no Paraná*. Monografia de Especialização em Geografia e História do Paraná, Faculdade Bagozzi, Curitiba.
- MERENCIO, F.T. 2014. *Tecnologia lítica Xetá: Um olhar arqueológico para a coleção etnográfica de lítico lascado e polido do MAE-UFPR*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Paraná.
- MÉTRAUX, A. 1948. The Guarani. In: STEWARD, J.H. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington DC, Bureau of American Ethnology Bull 143(3): 69-94.
- MELLO, A.A.S. 2000. *Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais*. Tese Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MILLER JR, T.O. 1979. Stonework of the Xetá Indians of Brazil. In: HAYDEN, B. (ed) *Lithic Use-Wear Analysis*. 401-407. New York, Academic Press.
- MILLER JR, T.O. 2009. Onde estão as lascas? *Revista Clio* 24(2): 6-66.
- MONTOYA, A.R. 1639. *Tesoro de la lengua Guarani*. Madrid, Iuan Sanchez.
- MOTA, L.T. 1998. Os índios Xetá na província paranaense (1853-1889). *Pós-História* 6: 175-189.
- MOTA, L.T. 2013. *Os Xetá no vale do rio Ivaí 1840-1920*. Maringá, EDUEM.
- MURICY, J.C. 1975. *Viagem ao país dos jesuítas*. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná.
- NIMUENDAJU, C.U. 1981. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE/Fundação Nacional Pró-Memória.
- NIMUENDAJU, C.U. 1987. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani*. São Paulo, Hucitec.
- NOELLI, F.S. 2004. Settlement patterns and environmental changes in human occupation on the left bank of the Paraná river (Paraná State, Brazil). *ArqueoWeb* 6(1).
- OLIVEIRA, V.L. 2002. *Mba'eVyKy: o que a gente faz. Cotidiano e cosmologia Guarani Mbyá*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PARELLADA, C.I. et al. 2006. *Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes*. Curitiba, Provopar Ação Social.
- PENNY, H.G. 2003. The politics of anthropology in the age of empire: German colonists, Brazilian indians, and the case of Alberto Vojtech Fric. *Comparative Studies in Society and History* 45(2): 249-280.
- PROUS, A.P.P. 2004. Apuntes para análise de industrias líticas. *Ortegalia*, n.2.
- REIS, P.G.V. 2014. *Vladimir Kozák, as câmeras e os Xetá*. Dissertação de mestrado em antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais.
- RODRIGUES, A.D. 1979. A língua dos índios Xetá como dialeto Guarani. *Caderno de Estudos lingüísticos* 1: 7-11.

- RODRIGUES, A.D. 1984-85. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.
- RODRIGUES, A.D. 2011. A língua dos índios Xetá como dialeto Guarani. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 3(2): 211-215.
- RODRIGUES, A.D. 2013. *Caderneta de campo Xetá*. Maringá, EDUEM.
- RODRIGUES, A.D. *et al.* 2013. *Vocabulário ilustrado Xetá*. Maringá, EDUEM.
- ROSATO, M.C. 2009a. Uma constelação de imagens: a experiência etnográfica de Vladimír Kozák. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná.
- ROSATO, M.C. 2009b. Vladimír Kozák e suas imagens. In: OLIVEIRA, M.S.B.S. (org.). *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná* 1ed. Curitiba, Editora UFPR 1: 239-250.
- SAINT-HILAIRE, A. 1995. *Viagem pela comarca de Curitiba*. Curitiba, Fundação Cultural.
- SCATAMACCHIA, M.C.M. 1990. *A tradição Policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo.
- SEEGER, A.; DA MATTA, R. & VIVEIROS DE CASTRO, E.B. 1987. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA, J.P. (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 11-29.
- SILVA, C.L. 1998. *Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Univ. Federal Santa Catarina.
- SILVA, C.L. 2003. *Em busca da sociedade perdida: o trabalho da memória Xetá*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de Brasília.
- SILVA, M.A. 2013. *Criança Xetá: das memórias da infância à resistência de um povo*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Maringá.
- TECHO, N. 2005. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus, 1673*. Asunción, CEPAG.
- TREVISAN, E. 1979. Vladimír Kozák (1897-1979): o braide pemegare dos Bororo. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* 36: 7-46.
- VIANA DOS REIS, P.G. 2014. *Vladimír Kozák, as câmeras e os Xetá*. Dissertação de mestrado em antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais.



Figura 1 – Desenho em grafite de Vladimir Kozák de 1965 representando uma aldeia Xetá com várias habitações *tapuy* na Serra dos Dourados entre 1948 e 1952, acervo: Museu Paranaense.



Figura 2 – Desenho em grafite de Vladimir Kozák de 1965 representando um casamento Xetá em aldeias maiores segundo narrativas Xetá da Serra dos Dourados entre 1948 e 1952, acervo: Museu Paranaense.

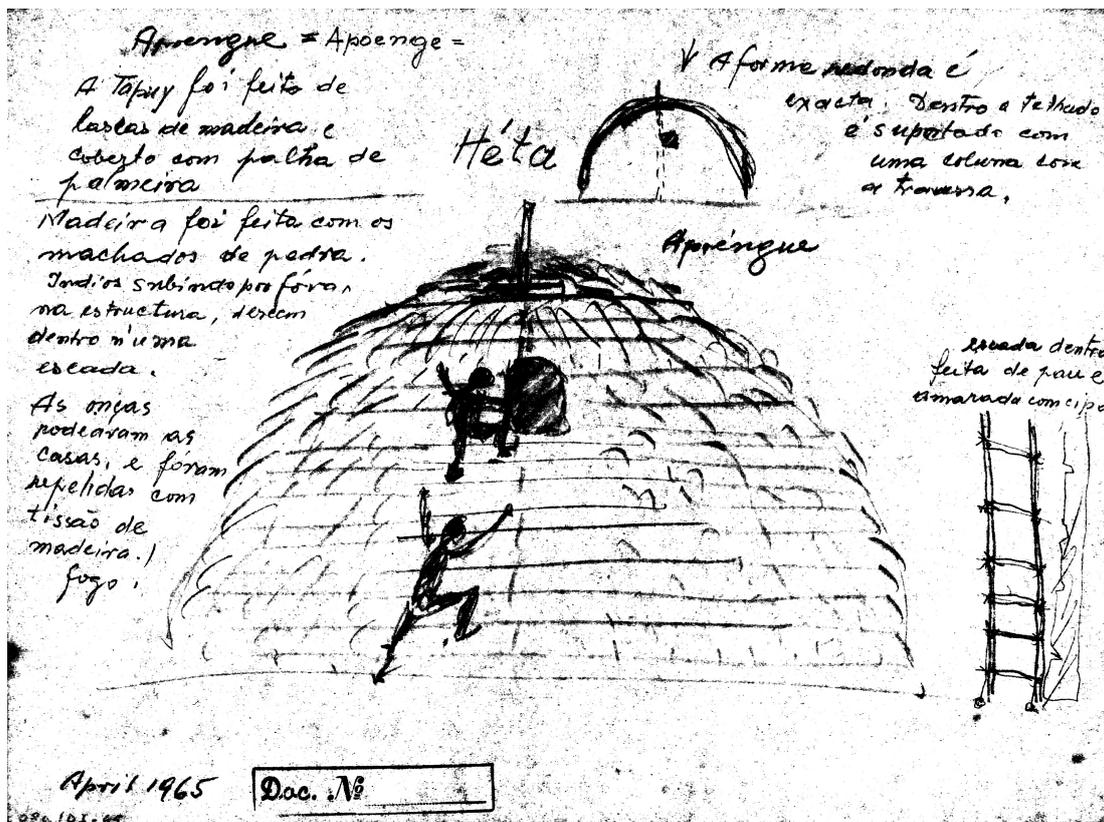


Figura 3 – Desenho em grafite de Vladimir Kozák de 1965 representando um apoengue, casa maior, segundo narrativas Xetá da Serra dos Dourados, Paraná, entre 1948 e 1952, acervo: Museu Paranaense.



Figura 4 – Desenho em grafite do Xetá Caiuá-Uéio de 1965 representando parte do ritual de furação labial em apoengue na Serra dos Dourados, Paraná, entre 1948 e 1952, acervo: Museu Paranaense.

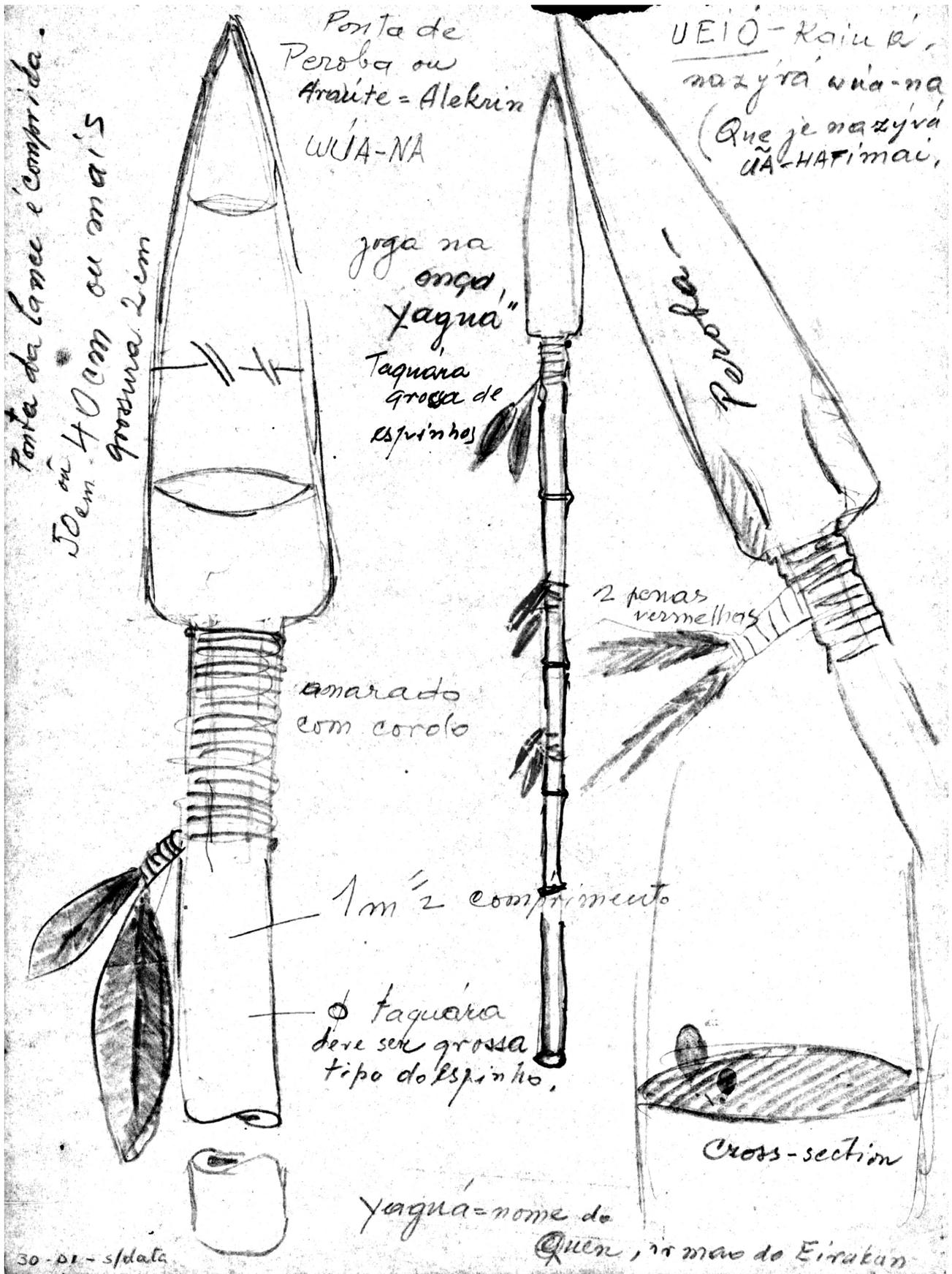


Figura 5 – Desenho em grafite de Vladimir Kozák representando grandes lanças Xetá, com mais de 200 cm, com pontas com tamanho superior a 40cm, em alecrim ou peroba, acervo: Museu Paranaense.